



## Educação física escolar: uma proposta de gênero

Ian Massumi Carneiro Ogawa<sup>1</sup>  
Silvana Vilodre Goellner<sup>2</sup>

O presente estudo procura propor uma discussão de gênero em aulas de Educação Física, aplicando a proposta em uma turma de ensino médio de uma escola de Porto Alegre durante o período de um semestre e tentar identificar entendimentos sobre o assunto que seria, supostamente, desconhecido.

Na Educação Física escolar da atualidade, vemos um certo desleixo dos professores para com a profissão. A tradição da Educação Física (Fortemente ancorada no imaginário social) se caracteriza por simplesmente “fazer os alunos correrem” e “gastarem energias” (PICH, 2013). Sendo assim, considerado por muitos alunos e até mesmo professores, como um período vago. Muito já foi visto professores usarem como punição para os alunos a não-ida a aula de Educação Física. “Faça o trabalho de matemática ou não irá descer para a Educação Física”. Isso faz com que o profissional da área acabe sendo desvalorizado dentro da escola. No imaginário social da escola, os profissionais da área, muitas vezes, são vinculados a imagem de professores que “jogam a bola” para os alunos (PICH, 2013). Essa imagem feita da aula de Educação Física reforça que: os alunos não precisam aprender nada nas aulas de Educação Física, apenas jogar, correr e gastar energia. Entretanto, dentro do Referencial Curricular da Educação Física do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, 2009), há muito mais temas a serem trabalhados do que apenas “jogar bola”. Os alunos devem aprender sobre diversos esportes, sobre diversas ginásticas, deve conhecer sobre práticas corporais e saúde, práticas corporais e sociedade e muitas outras propostas que há dentro do referencial curricular. E cada uma dessas propostas, há sub propostas que o professor pode explorar. Dentre elas: gênero e sexualidade.

O corpo parece ter ficado fora da escola. Essa é, usualmente, a primeira impressão quando observamos as mais consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação docente (LOURO apud HOOKS, 1999).

<sup>1</sup> Graduando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ian.slifer@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vilodre@gmail.com





Louro (2000, p.60) ainda fala que “Com exceção da Educação Física, que faz do corpo e de seu adestramento o foco central de seu agir, todas as demais áreas ou disciplinas parecem ter conseguido produzir seu "corpo de conhecimento" sem o corpo”. Entretanto, o corpo ser o foco central da Educação Física não adianta de nada se não se trabalha com o assunto nas escolas, ensinando e repassando a aprendizagem. No momento em que os professores “jogam a bola”, está mostrando que a Educação Física, onde mais se deveria falar de corpo, existe apenas para a prática esportiva e a discussão sociocultural não é algo a ser trabalhado na escola.

A desigualdade e os estereótipos de qual naipes joga qual esporte é algo que vem desde tempos atrás. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol (SOUSA, 1999). Mas aos poucos, isso foi mudando. À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se adjetivava o esporte foram se alterando e, nas últimas décadas, presenciamos algumas mudanças: aos homens é dado o direito de praticar o voleibol, sem riscos para sua masculinidade, e o futebol passa a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas (SOUSA, 1999). Entretanto, mesmo com essa mudança, os estereótipos se mantinham. Diversos autores e autoras apontam o esporte como uma atividade predominantemente masculina e de fundamental importância na construção da identidade masculina (SOUSA apud CONNELL, 1992 e CONNELL, 1995).

Por fim, o meu trabalho tem como objetivo mudar esses estereótipos em uma turma de ensino médio de uma escola pública de Porto Alegre através das aulas de Educação Física. Mostrar para os alunos as dificuldades que mulheres encontram dentro do esporte, as desigualdades de salários, premiações, de apoio. O norte do trabalho é responder: a Educação Física é capaz de, através de suas aulas práticas, mas com conteúdo conceitual, mudar estereótipos dentro de uma turma de ensino médio?

## Referências

PICH, Santiago ; SCHAEFER, Pedro Augusto; CARVALHO, Lucas Prado de . O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. Revi

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. Educação e Realidade, Porto Alegre, p. 59-75, dez. 2000.





SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Caderno Cedes, ano XIX, nº 48, agosto 1999.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

